

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas

por
A. THOMAZ PIRES

(Continuado de pag. 64, vol. X)

434

Quando t'eu vi logo disse:
Lindos olhos par'amar,
Linda boca para beijos,
Ai quem t'os podera dar.

435

O' meu amor, meu amor,
Quem desconfia perdeu,
Inda q'eu fale com outrem
Meu coração sempre é teu.

436

O' José, cabelo loiro,
Penteado ò deserto,
Tu òs o mais lindo cravo,
Qu'a craveira tem aberto.

437

Anda cá p'rós meus braços,
Se tu vida queres ter,
Os meus braços dão sande,
A quem 'stá p'ra morrer.

438

Já não quero ir à monda,
Já não quero ir a mondar,
Foi na monda que eu ganhei
Dinheiro para me casar.

439

Lindos olhos te deu Deus,
N'essa rev'rendaça cara,
S'eu assim tiver' ós meus,
Outro gallo me cantara.

440

Assim que teus olhos vi

Logo m'elles *cantivaram*,
Olhos pretos para mim,
Tod'à vida m'encantaram.

441

Algum dia meu amor
Em te não vendo chorava,
Agora 'stou mal contigo,
Chora tu e mais tu' alma.

442

Eu quero muito ao meu bem,
Mas nunca fallei com'elle,
Sò co'a vista me contento,
Penso que assim será elle.

443

O' meu amor, meu amor,
O' meu amor nada não,
C'o a agua d'estes meus olhos,
Rêgo o teu coração.

444

O amor nasce dos olhos,
E da mão quando s'aperta,
Das palavrás entr'os dentes,
Piscand'o ôlho, etc.

445

Os olhos do meu amor,
São bonitos benz'ós Deus,
Não lhe quero dar *cobranto*,
Qu'inda podem vir a ser meus.

446

Adeus rua d'Magoa,
Adeus largo do collegio,
Já lá tens amores novos
Mas eu não t'os invejo.

447

Os teus formosos cabellos
São mimosas prisões,
Que servem para unir
Nossos ternos corações.

448

Eu gosto muito de ti
Por teres cabelo louro,
Não è por teres riqueza

Em cobre, prata ou ouro.

449

O Porto tudo quer,
A' força da sua mão,
Republicanos republica,
Jesuitas a religião.

450

Puz-m'ámár quem nunca amara
Nem tal sentido eu tivera.
Puz-m'amar o rei das flores
No tempo da primavera.

451

Lisboa por ser Lisboa
Tambem é terra de vale,
Tambem tem moças bonitas,
Claras com'ò christal.

452

Villa de Loulé um sitio,
Santa Barbara uma aldêa,
Palacios de S. Lourenço
Onde o meu amor passeia.

453

O' rapaz dá-me um cigarro
Que amanhã te darei dois,
Que esta noite roda o carro
Com cinco juntas de bois.

454

Já tive agora não tenho,
O que heide eu fazer,
Mas sempre por aqui venho
Tua resposta saber.

455

Subi a cima ó chaparro
A colher vinte fueiros;
As cantigas que tu cantas
Ainda cheiram a cueiros.

456

Eu de noite cáio na lama
Por te ter muita amizade,
Se me queres amar, ama,
Não andes com falsidade.

457

Eu desejava saber
Se o teu coração se *astreve*;
Toda a vida ouvi dizer;
Quem tudo quer tudo perde.

458

Fui um dia passear
Até á 'squina da praça,

Vi uma janella aberta
Que até aos cegos dá graça.

459

Eu *havera* de te amar
Eu *havera* de te q'rer
Havera de te dêxar
Ninguem *havera* de saber.

460

Quem quer canta quem quer bulha
Depois do barulho armado,
Quem quer vence uma batalha
Com armas de outro soldado.

461

O remate da cantiga
Foi á fonte, logo vem.
A cantiga sem remate
Nenhuma graça já tem.

462

Tenho um lenço na verdade
Que me deu o meu amor,
Dividido em quatro partes
Cada uma d'uma cor.

463

Se algum dia te encontrares,
Por acaso com meu pae,
Dize-lhe assim por chulice:
Meu pai-sogro adonde vae.

464

Mangerico á janella
Menina não o tenhaes,
Da-lhe o vento, bole, bole,
Cuido que vós me acenaes.

465

Por usar chapau pequeno
Me chamaram extravagante,
Para ver o meu amor
Tenho aqui chapau bastante.

466

A malta d'Arengosinha
E' d'assucar e canella,
Aqui n'estes arredores
Não ha malta como aquella.

467

O monte da Arengosa,
Com seu terreiro varrido,
Inda que queira não posso
Tirar de lá o sentido.

468

Quem me dera ser pintor,

Que pintasse a primavera,
P'ra pintar o meu amor
Na, sua alma se pudera.

469

Aqui estou partindo as nozes,
Alem estão migando a couve,
Uma vez que fiz filhozes,
Logo todo o mundo o soube.

470

Tenho um sacco de cantigas
Atadas ao calcanhar,
Se pego a puxar por ellas
Vae-se o sacco a desatar.

471

Tua mãe anda dizendo:
«Meu filho mal empregado»,
Metta-o no fundo das costas,
Tem-n'o bem arrecadado.

472

Tomei amores com um padre,
Nunca melhor cousa fiz,
Logo me deu uma anagoa
Da sua sobrepelliz.

473

Amores de homem casado,
O' caxixa, quem os quer,
Quanto passam com a amiga
Contam tudo à mulher.

474

Ha duas cousas no mundo
Que eu não posso entender.
Os padres ir' p'r'ò inferno
E os *surgões* morrerem.

475

Pretos, brancos e mulatos,
Casada, solteira, viuva,
Facas, colheres e garfos,
Damascos, peras e uvas.

476

Puz-me a fazer um cigarro
Por ser de pataca alheia,
Saiu-me um eixo d'um carro
Rendeu-me moeda e meia.

477

En casei-me c'uma velha
Por ter a pellica dura,
Mas o diabo da velha
Morreu da capadura.

478

Ai, que pinheiro tão alto,
Com as pontas engallisa;
E' um regalo na vida
Vêr as moças em camisa.

479

Toda a moça donzella
O' domingo vae á missa,
Com o rosario na mão,
Padre nosso de cortiça.

480

Adeus ó cara d'infusa,
Bocca de meia canada,
Pescoço de galga preta,
Olhos de vacca raiada.

481

Minha mãe é coelheira,
Meu pae caçador de lebres,
Eu, por ser o mais mocinho,
Sou caçador de mulheres.

482

Na noite que me casei
Tudo eram brincadeirinhas;
Brinca o pae, brinca a mãe,
Brinca tudo Mariquinhas.

483

Tenho um galo em Coimbra,
Uma gallinha na guerra,
Tenho o meu amor no choco,
Tira pintos como terra.

484

Dei um ai entre dois ais,
Ouviram-me dois penedos,
Quando fui a reparar
Eram môchos e morcegos.

485

O' Elvas, tu já stás morta,
Vives muito encolhidinha,
Já se lá foram os tempos
Em que semeavas sardinha.

486

O' Elvas tu já não podes,
Com a tua opinião,
Puxar a torre da Sé
Com um fio d'algodão.

487

Pedi a Deus que me desse
Uma delicada dama,
Deus me deu uma *bainca*
Que me não cabe na cama.

Todos os padres que tem missa
Aos infernos são chamados,
Inda elles tem mais filhos
Que os homens que são casados.

488

Quem quer comprar que eu vendo
Amanhã se faz leilão,
As viuvas a pataco
E as solteiras a tostão.

489

Da sala para a cosinha.
Dançando pé contra pé,
Fui dar com 14 ratos,
Comendo na chaminé.

490

A cosinheira p'ra ser boa
Anda sempre n'um vulcão,
Ainda não tem lavado a louça
Já tem que estar ao fogão.

491

Mal haja quem me não deixa
Viver bem com meus amores;
Sempre no mundo hade haver
Demonios atentadores.

492

Toda a moça que não tem
O seu amor hortelão,
Nem é moça, nem é nada,
Nem tem recreios de v'rao.

493

Menina da casaquinha
Da casaquinha de lona,
E' bonita gosto d'ella
Lá no tempo d'azeitona.

494

Quem me déra ser pintor
Das muralhas do Escaninho,
Para pintar no meu lenço
As moças do Ribeirinho.

495

Por me ver de pau e manta,
Não me julgue algum maltez,
Té hoje a maldita enxada,
Callos na mão não me fez.

496

Tratar bem é meu empenho,
Para todos sou cortêz,
Quem me vir aqui estranho,
Não me julgue eu ser maltez.

497

Quando o sol vinh'arraiando
Nas campinas dos Murtaes,
Diligentes lá se foram,
As ovelhas dos curraes.

498

De camponez me vesti
N'uma certa patuscada,
P'ra ver se disfarçado
Descobria a minh'amada.

499

Minha amada è camponeza,
E eu camponez sou,
E' como a chita franceza
Da primeira que s'usou.

500

Adeus terra do Algarve,
Terra de pouco sustento,
Só comem castanha podre
E algum figo *bularento*.

501

Filha ouve as minhas lições,
Sou modelo de candura,
Possa eu ver-te bem ditosa
Quando baixe á sepultura.

502

Já que tu queres saber
O que vem a ser amor,
Escuta a minha lição,
Que eu sou na arte professor.

503

Se não cantar com primor
Espero ser desculpado,
Cada um canta o que sabe,
Não è a mais obrigado.

504

Isso nunca foi cantiga,
E' uma zorra ruim,
Eu não duvido dizer
Que os burros cantam assim.

505

Minha adorada menina
Eu sou prompto no serviço,
Vossê não podia achar
Mais amor no seu derricko.

(Continúa)

